

Afinal, somos uma economia de mercado ou uma república socialista?

Henrique Pedro David
de Sanson (*)

Estamos assistindo no mundo de hoje a uma série de transformações importantes nos campos político, financeiro e tecnológico. Quais serão suas consequências no nosso desenvolvimento, principalmente na nossa industrialização?



É tendência cada vez mais acentuada nas nações capitalistas e em muitas socialistas reconhecer a excessiva ingerência do Estado na economia. Ela tem de ser revista e adequada. O Estado-empresário é uma utopia.

Apesar da elevação do nível de vida nos países industrializados ou não, os alimentos e matérias-primas estão em superoferta e os seus preços continuamente declinantes.

O baixo custo da mão-de-obra já não é um fator tão influente na competitividade industrial. Sua incidência cada vez menor no custo final do produto e o crescente uso da robotização e da racionalização, principalmente nas indústrias de alta tecnologia de ponta, são o motivo. Por sua vez, as matérias-primas estão ficando menos importantes em muitos produtos. Exemplos: a fibra óptica substitui o cabo de cobre com uma redução de material fantástica; o plástico é usado em lugar de inúmeros metais, etc.; para não falar na informática e em outras indústrias de ponta.

A produção de alimentos é tão abundante que poucos são os países desenvolvidos que não os tenham em excesso, como é o caso da União Soviética.

Exportar conhecimento é hoje fonte de divisas tão grande como exportar produtos, e a médio prazo os suplantarão.

Os movimentos de capital não vinculados ao comércio, e de fato amplamente independentes deste, superaram de longe o comércio financeiro.

Pela primeira vez, o maior devedor, os EUA, tem uma dívida externa em sua própria moeda. Para se livrar dessa dívida basta desvalorizar a moeda, e o credor terá sido efetivamente expropriado. O Japão, com US\$ 640 bilhões em ativos, será o maior prejudicado. Mas os produtores de matérias-primas seriam completamente arrasados, pois estas são comercializadas em dólares.

Os países em fase de industrialização dificilmente poderão financiar o seu desenvolvimento pela exportação de matérias-primas somente. Também basear-

se na exportação de produtos industrializados pela competitividade do baixo custo de mão-de-obra em muitos casos torna-se irrelevante.

Realmente, para os países do Terceiro Mundo o quadro não é muito alvissareiro. Mas vamos analisar o nosso caso especificamente.

Com a crise que atravessamos e a onda de pessimismo que tomou conta de todos, prever crescimento e falar em oportunidade pode parecer que não estamos conscientes do momento. Mas esse não é o caso. Em primeiro lugar uma crise é também um desafio. Nessas ocasiões é que muitas idéias criativas são obtidas. Segundo, uma crise nunca é permanente e acaba passando, mas as oportunidades continuam existindo.

Em muitos pontos já deixamos de pertencer ao Terceiro Mundo e nos aproximamos dos países industrializados. Mas, se nos gabamos da nossa classificação de oitava economia do mundo ocidental pelo PIB, ainda estamos muito longe dos países de mais alta renda per capita.

Deparamos logo com um grande desafio. O nosso produto per capita anda em torno de US\$ 2 mil/ano. Sem pretender alcançar os altos índices de US\$ 12 mil a US\$ 14 mil dos países mais avançados, poderemos e deveremos, nos pró-

ximos quinze a vinte anos, chegar de US\$ 7 mil a US\$ 8 mil. Isso significa um PIB de US\$ 1,1 bilhão, considerando o aumento da população. São quatro novos Brasis atuais a ser contruídos (260 bilhões de PIB).

Que fantástico mercado interno. As nossas indústrias de base e de bens de capital sob encomenda estão aparelhadas para essa tarefa. Precisamos, como complementação, do capital externo e de algum aporte tecnológico. Estamos discutindo a nossa dívida externa; a sua conversão em capital de risco, mesmo parcial, viria a calhar nesse programa. Nesses dois últimos anos, porém, a saída de capitais externos suplantou pela primeira vez a sua entrada. E por que isso? E que no momento em que no mundo todo se fala em recuo da intervenção do Estado, o clima de nossa Constituinte é o de exercer uma ação cada vez mais estatizante, afugentando esses investimentos. Tenho certeza de que o presidente e muitos ministros compreendem esse problema, mas a máquina governamental e, infelizmente, muitos políticos não vêem a questão por esse prisma.

Se não bastasse o recuo do Estado na Inglaterra e na França, vemos isso também na área socialista, como na Hungria e na China; até a URSS já admite "joint-ventures" com firmas estrangeiras.

Já somos fortes e soberanos e não há que temer o capital externo, mas para atraí-lo temos de definir as regras do jogo. Somos uma economia de mercado ou uma república socialista mais fechada do que muitos países da dita área?

Esse é um ponto básico crucial para alcançarmos um lugar na comunidade das nações. Não somos mais uma republiqueta latino-americana sem rumo, ao sabor alternado do caudilhismo ou do Estado forte.

O governo tem de assumir a sua verdadeira posição e cuidar da infraestrutura no setor da energia, do transporte, da construção, do saneamento básico, etc., e deixar a livre iniciativa agir. Definir as regras do jogo e não mudá-las a cada passo. Se for realmente estabelecida a verdadeira democracia com sua regra de mercado, não há como segurar o nosso crescimento.

Temos de voltar a exportar cada vez mais. Condições para isso não nos faltam. Muitos ainda argumentam que a exportação prejudica o mercado interno, deixando-o desabastecido. É realmente uma visão muito míope. A retração dos anos passados desaqueceu o mercado interno, sendo então exportados os excedentes. A retomada do consumo não encontrou os produtores preparados para as duas demandas, o que pode ser perfeitamente corrigido com o aumento da capacidade de produção.

A grande vantagem do nosso mercado interno e externo em expansão é que poderemos supri-lo com a industrialização de nossas próprias matérias-primas e alimentos, ao contrário de muitas nações hoje grandes exportadoras, mas que importam tudo para sua realização. Esse crescimento auto-sustentável vai poder absorver um ponderável contingente de mão-de-obra ainda não qualificada.

Mas com os avanços tecnológicos que já conquistamos e com uma política de investimentos em pesquisa e desenvolvimento, e também com "joint-ventures" com firmas estrangeiras de alta tecnologia, e elas virão, pois o nosso mercado é atraente, poderemos firmar-nos em tecnologia de ponta também.

Outro fator importante a considerar no nosso crescimento é que não temos um Brasil único, uniforme e homogêneo como a maioria das nações desenvolvidas ou não. Existem diversos Brasis. Estados ou regiões há que, pela sua tecnologia, renda per capita, etc., são comparáveis aos países mais avançados. Em compensação, outros se encontram em grau de desenvolvimento semelhante aos últimos países do Terceiro Mundo.

Longe de ser isto um mal, é uma fonte de esperança. Os núcleos mais avançados são como uma cabeça-de-ponte e podem levar o desenvolvimento a outras regiões menos favo-

recidas. Condições essas que não se encontram na maioria dos países em desenvolvimento, onde o índice de renda per capita é uniformemente baixo.

O desnível entre os países industrializados e os do Terceiro Mundo só tende a aumentar. O Brasil, que pagou um alto preço para quebrar a inércia do subdesenvolvimento, não pode agora regredir. A incompetência e a miopia não podem mais prevalecer. A grande concentração de renda é uma decorrência natural do gigantismo do Estado-empresário e dos gastos públicos, com uma elite administrativa, altamente remunerada, pois a grande maioria, embora excessiva, dos pequenos funcionários, é pessimamente paga.

Temos de colocar rapidamente a casa em ordem e para isso é indispensável a colaboração de todos. Infelizmente, ainda há uma minoria radical que deliberadamente procura desestabilizar mais a situação, desorganizando e estrangulando a vida do País.

Todas as nações que desfrutam uma posição de relevo no mundo alcançaram isto com trabalho, disciplina e sacrifício, e se queremos melhorar o nosso nível de vida e nos tornarmos uma nação respeitada e influente, este é o único caminho a seguir.

(*) Vice-presidente da Associação Comercial do Rio de Janeiro.